

Narração de Allan Kardec - Revista Espírita de 1858

O MAIOR MÉDIUM DE EFEITOS FÍSICOS DO SÉCULO XIX

“O Senhor Daniel Dunglas Home nasceu em 15 de março de 1833, perto de Edimbourg (Escócia).

Tem, pois, hoje, 24 anos (artigo escrito por Allan Kardec em fevereiro de 1858).

Descende da antiga e nobre família dos Douglas da Escócia, outrora soberana.

É um jovem de talhe mediano, louro, cuja fisionomia melancólica nada tem de excêntrico; é de compleição muito delicada, de costumes simples e suaves, de um caráter afável e benevolente sobre o qual o contato das grandezas não lançou nem arrogância e nem ostentação.

Dotado de uma excessiva modéstia, jamais exibiu a sua maravilhosa faculdade, jamais falou de si mesmo, e se, na expansão da intimidade, conta coisas que lhe são pessoais, é com simplicidade, e jamais com a ênfase própria das pessoas com as quais a malevolência procura compará-lo.

Vários fatos íntimos, que são do nosso conhecimento pessoal, provam nele nobres sentimentos e uma grande elevação de alma; nós o constatamos com tanto maior prazer quanto se conhece a influência das disposições morais sobre a natureza das manifestações.

O Senhor Home é um médium do gênero daqueles que produzem manifestações ostensivas, sem excluir, por isso, as comunicações inteligentes; mas as suas predisposições naturais lhe dão, para as primeiras, uma aptidão mais especial.

Sob a sua influência, os mais estranhos ruídos se fazem ouvir, o ar se agita, os corpos sólidos se movem, se erguem, se transportam de um lugar a outro através do espaço, instrumentos de música fazem ouvir sons melódiosos, seres do mundo extra-corpóreo aparecem, falam, escrevem e, freqüentemente, vos abraçam até causar dor.

Ele mesmo foi visto, várias vezes, em presença de testemunhas oculares, elevado sem sustentação a vários metros de altura.

Do que nos foi ensinado sobre a classe dos Espíritos que produzem, em geral, essas espécies de manifestações, não seria preciso disso concluir que o Sr. Home não está em relação senão com a classe íntima do mundo espírita.

Seu caráter e as qualidades morais que o distinguem, devem, ao contrário, granjear-lhe a simpatia dos Espíritos Superiores; ele não é, para esses últimos, senão um instrumento destinado a abrir os olhos dos cegos por meios enérgicos, sem estar, por isso, privado de comunicações de uma ordem mais elevada.

É uma missão que aceitou; missão que não está isenta nem de tribulações e nem de perigos, mas que cumpre com resignação e perseverança, sob a égide do Espírito de sua mãe, seu verdadeiro anjo guardião.

A causa das manifestações do senhor Home é inata nele; sua alma, que parece não prender-se ao corpo senão por fracos laços, tem mais afinidade pelo mundo espírita do que pelo mundo corpóreo; por isso ela se prepara sem esforços, e entra, mais facilmente que em outros, em comunicação com os seres invisíveis.

Essa faculdade se revelou nele desde a mais tenra infância.

Com a idade de seis meses, seu berço se balançava inteiramente sozinho, na ausência de sua babá, e mudava de lugar.

Nos seus primeiros anos, era tão débil que tinha dificuldade para se sustentar, sentado sobre um tapete, os brinquedos que não podia alcançar, vinham, eles mesmos, colocar-se ao seu alcance.

Com três anos teve as suas primeiras visões, mas não lhes conservou a lembrança.

Tinha nove anos quando sua família foi se fixar nos Estados Unidos; aí os mesmos fenômenos continuaram com uma intensidade crescente, à medida que avançava em idade, mas a sua reputação, como médium, não se estabeleceu senão em 1850, por

volta da época em que as manifestações espíritas começaram a se tornar populares nesse país.

Em 1854, veio para a Itália, nós o dissemos, por sua saúde; espanta Florença e Roma com verdadeiros prodígios.

Convertido à fé católica, nessa última cidade, tomou a obrigação de romper as suas relações com o mundo dos Espíritos. Durante um ano, com efeito, seu poder oculto parece tê-lo abandonado; mas como esse poder estava acima de sua vontade, a cabo desse tempo, assim como lhe havia anunciado o Espírito de sua mãe, as manifestações se produziram com uma nova energia.

Sua missão estava traçada; deveria distinguir-se entre aqueles que a Providência escolheu para nos revelar, por sinais patentes, a força que domina todas as grandezas humanas.

Para o senhor Home, os fenômenos se manifestam, algumas vezes, espontaneamente, no momento em que menos são esperados.

O fato seguinte, tomado entre mil, disso é uma prova. Desde há mais de quinze dias, o senhor Home não tinha podido obter nenhuma manifestação, quando, estando a almoçar na casa de um dos seus amigos, com duas ou três pessoas do seu conhecimento, os golpes se fazem súbito ouvir nas paredes, nos móveis e no teto.

Parece, disse, que voltaram. O senhor Home, nesse momento, estava sentado no sofá com um amigo.

Um doméstico trás a bandeja de chá e se apressa em colocá-la sobre a mesa, situada no meio do salão; esta, embora fosse pesava, se eleva subitamente e se destaca do solo em 20 a 30 centímetros de altura, como se tivesse sido atraída pela bandeja; apavorado, o criado deixa-a escapar, e a mesa, de pulo, se atira em direção do sofá e vem cair diante do senhor Home e seu amigo, sem que nada do que estava em cima tivesse se desarrumado.

Esse fato, sem contradita, não é o mais curioso daqueles que teríamos a relatar, mas apresenta essa particularidade, digna de nota, de ter se produzido espontaneamente, sem provocação, num círculo íntimo, onde nenhum dos assistentes, cem vezes testemunhas de fatos semelhantes, tinha necessidade de novos testemunhos; seguramente, não era o caso para o Senhor Home de mostrar as suas habilidades, se habilidades havia." (1)

Outras manifestações: O que distingue Daniel Douglas Home é sua mediunidade excepcional.

Enquanto outros médiuns obtém golpes leves, ou o deslocamento insignificante de uma mesa, sob a influência do senhor Home os ruídos, os mais retumbantes, se fazem ouvir, e todo o mobiliário de um quarto pode ser revirado, os móveis montando uns sobre os outros.

Igualmente os objetos inertes, ele próprio é elevado até o teto (levitação), depois desce do mesmo modo, muitas vezes sem que disso se aperceba.

De todas as manifestações produzidas pelo Sr. Home, a mais extraordinária é a das aparições, segundo análise de Allan Kardec.

Do mesmo modo sons se produzem no ar ou instrumentos de música tocam sozinhos.

"Seguramente, se alguém fosse capaz de vencer a incredulidade por efeitos materiais, este seria o senhor Home. Nenhum médium produziu um conjunto de fenômenos mais surpreendentes, nem em melhores condições de honestidade." (2)

O senhor Home realizou várias experiências perante o Imperador Napoleão II.

Durante essas experiências, obteve-se uma prova concreta da assinatura de Napoleão Bonaparte, com a presença da Imperatriz Eugênia, cujo fato aumentou grandemente sua fama.

Jamais esse excepcional médium mercadejou seus preciosos dons mediúnicos.

Teve inúmeras oportunidades, mas sempre se recusou. Dizia ele:

“Fui mandado em missão. Essa missão é demonstrar a imortalidade. Nunca recebi dinheiro por isso e jamais receberei.”

Como todo o médium, o senhor Home foi caluniado e ferido em sua dignidade, mas nunca lhe faltou, nas horas mais difíceis, o amparo de seus mentores espirituais.

Narração de Allan Kardec - Revista Espírita de 1858, mês de fevereiro.

Narração de Allan Kardec - Revista Espírita de 1863, mês de setembro

A mediunidade de Eusapia Palladino marca um estágio importante na história da pesquisa psíquica, porque foi ela a primeira dos médiuns de fenômenos físicos a ser examinada por um grande número de homens de ciência. As principais manifestações que ocorreram com ela consistiam no movimento de objetos sem contato, a levitação de uma mesa e outros objetos, a levitação do médium, o aparecimento de mãos materializadas, de rostos, de luzes, além da execução de músicas em instrumentos, mas sem contato humano. Todos esses fenômenos ocorreram, como vimos, muito anteriormente com o médium D. D. Home, mas quando Sir William Crookes convidou seus colegas para que viessem examiná-lo, eles declinaram do convite. Agora, pela primeira vez esses fatos estranhos eram submetidos a prolongada investigação por homens de reputação na Europa. Desnecessário é dizer que esses experimentadores inicialmente eram cépticos no mais alto grau e os chamados testes – freqüentemente mesquinhas precauções que comprometem o objetivo visado – estavam na ordem do dia. Nenhum médium em todo o mundo foi mais duramente examinado do que essa mulher e, desde que foi capaz de convencer a grande maioria dos assistentes, é claro que a sua mediunidade não era do tipo comum. Desnecessário dizer que nenhum pesquisador deveria ser admitido à sala das sessões sem, pelo menos, um conhecimento elementar das complexidades da mediunidade e das corretas condições para a sua manifestação ou sem, por exemplo, uma compreensão da verdade básica que não é o médium só, mas igualmente os assistentes, que são fatores no êxito da experiência. Nem um só homem de ciência em mil reconhece isto; e o fato de ter Eusapia triunfado a despeito dessa tremenda desvantagem, é um eloqüente tributo à sua força.

A carreira mediúnica dessa napolitana humilde e iletrada, de tão grande interesse e de extrema importância quanto aos resultados, ainda oferece outro exemplo da humildade empregada como instrumento para esmagar os sofismas dos sábios. Eusapia nasceu a 21 de janeiro de 1854 e morreu em 1918. Sua mediunidade começou a manifestar-se quando tinha cerca de catorze anos. A mãe morrera quando ela nasceu e o pai quando ela estava com doze anos. Em casa de amigos, com quem foi morar, persuadiram-na a que se sentasse à mesa com outras pessoas. No fim de dez minutos, a mesa foi levitada, as cadeiras começaram a dançar, as cortinas da sala a ser puxadas, os copos e garrafas a se moverem. Cada assistente foi examinado por sua vez, para se descobrir quem era responsável pelos movimentos; no fim constatou-se que Eusapia era o médium. Ela não tomou interesse nas experiências e só consentiu em fazer novas sessões para agradar aos hóspedes e evitar ser mandada para um convento. Só aos vinte e dois ou vinte e três anos é que começou a sua educação espírita e então, de acordo com Flammarion, foi dirigida por um ardoroso espírita, Signor Damiani.

Em conexão com esse período Eusapia relata um incidente interessante. Em Nápoles uma senhora inglesa que se havia casado com o Sr. Damiani foi aconselhada por um Espírito

que dava o nome de John King, a procurar uma senhora chamada Eusapia, num determinado endereço. Disse que se tratava de uma poderosa médium, através da qual ele pretendia manifestar-se. A Sra. Damiani foi ao endereço marcado e encontrou Eusapia Palladino, de quem jamais ouviu falar. As duas senhoras fizeram uma sessão e John King controlou a médium, de quem passou, daí em diante, a ser o guia.

Sua primeira apresentação ao mundo científico europeu foi através do Professor Chiaia, de Nápoles, que em 1888 publicou num jornal de Roma uma carta ao Professor Lombroso, dando detalhes de suas experiências e convidando esse célebre alienista a fazer investigações diretas com a médium. Só em 1891 Lombroso aceitou o convite e em fevereiro daquele ano fez duas sessões com Eusapia, em Nápoles. Converteu-se e escreveu: “Estou cheio de confusão e lamento haver combatido com tanta persistência a possibilidade dos fatos chamados espíritos”. Sua conversão levou muitos cientistas importantes da Europa a investigar e daí em diante a Sra. Palladino esteve ocupada durante muitos anos em sessões experimentais.

As sessões de Lombroso em Nápoles em 1891, foram seguidas pela Comissão de Milão em 1892, que contava com o Professor Schiaparelli, Diretor do Observatório de Milão, o Professor Gerosa, Catedrático de Física, Ermacora, Doutor em Filosofia Natural, Aksakoff, Conselheiro de Estado do Tzar da Rússia, Charles Du Prel, Doutor em Filosofia de Munique, e o Professor Charles Richet, da Universidade de Paris. Foram realizadas dezesseis sessões. Depois veio a investigação em Nápoles, em 1893; em Roma, entre 1893 e 1894; em Varsóvia e na França, em 1894 – esta última sob a direção do Professor Richet, de Sir Oliver Lodge, de Mr. F. W. H. Myers e do Dr. Ochorowicz; em 1895, em Nápoles, e no mesmo ano na Inglaterra, em Cambridge, em casa de Mr. Myers, em presença do Professor e de Mrs. Sidgwick, de Sir Oliver Lodge e do Dr. Richard Hodgson. Foram continuadas em 1895, na França, em casa do Coronel de Rochas; em 1896 em Tremezzo, em Auteuil e em Choisy Yvrac; em 1897 em Nápoles, Roma, Paris, Montfort e em Bordéus; em Paris, em novembro de 1898, em presença de uma comissão de cientistas, composta dos senhores Flamare, Charles Richet, A de Rochas, Victorien Sardou, Jules Claretie, Adolphe Bisson, Gabriel Delanne, G. de Fontenay e outros, também em 1901 no Clube Minerva de Genebra, em presença dos Professores Porro, Morselli, Bozzano, Venzano, Lombroso, Vassallo e outros. Houve muitas outras sessões experimentais com homens de ciência, tanto da Europa quanto da América.

X. Os Espíritos, que aquele que deseja mover um objeto chama em seu auxílio, são-lhe inferiores ? Estão-lhe sob as ordens ?

"São-lhe iguais, quase sempre. Muitas vezes acodem espontaneamente."

XI. São aptos, todos os Espíritos, a produzir fenômenos deste gênero ?

"Os que produzem efeitos desta espécie são sempre Espíritos inferiores, que ainda se não desprenderam inteiramente de toda a influência material."

XII. Compreendemos que os Espíritos superiores não se ocupam com coisas que estão muito abaixo deles. Mas, perguntamos se, uma vez que estão mais desmaterializados, teriam o poder de fazê-lo, dado que o quisessem ?

"Os Espíritos superiores têm a força moral, como os outros têm a força física. Quando precisam desta força, servem-se dos que a possuem. Já não se vos disse que eles se servem dos Espíritos inferiores, como vós vos servis dos carregadores ?"

XIII. Se compreendemos bem o que disseste, o princípio vital reside no fluido universal; o Espírito tira deste fluido o envoltório semimaterial que constitui o seu perispírito e é ainda por, meio deste fluido que ele atua sobre a matéria inerte. É assim ?

"E Quer dizer: ele empresta à matéria uma espécie de vida factícia; a matéria se anima da vida animal. A mesa, que se move debaixo das vossas mãos, vive como animal; obedece por si mesma ao ser inteligente. Não é este quem a impele, como faz o homem com um fardo. Quando ela se eleva, não é o Espírito quem a levanta, com o esforço do seu braço: é a própria mesa que, animada, obedece à impulsão que lhe dá o Espírito."

XIV. Que papel desempenha o médium nesse fenómeno ?

"Já eu disse que o fluido próprio do médium se combina com o fluido universal que o Espírito acumula. E necessária a união desses dois fluidos, isto é, do fluido animalizado e do fluido universal para dar vida à mesa. Mas, nota bem que essa vida é apenas momentânea, que se extingue com a ação e, às vezes, antes que esta termine, logo que a quantidade de fluido deixa de ser bastante para a animar."

XV. Pode o Espírito atuar sem o concurso de um médium ?

"Pode atuar à revelia do médium. Quer isto dizer que muitas pessoas, sem que o suspeitem, servem de auxiliares aos Espíritos. Delas haurem os Espíritos, como de uma fonte, o fluido animalizado de que necessitem. Assim é que o concurso de um médium, tal como o entendeis, nem sempre é preciso, o que se verifica Principalmente nos fenómenos espontâneos."

XVI. Animada, atua a mesa com inteligência ? Pensa ?

"Pensa tanto quanto a bengala com que fazes um sinal inteligente. Mas, a vitalidade de que se acha animada lhe permite obedecer à impulsão de uma inteligência. Fica, pois, sabendo que a mesa que se move não se torna Espírito e que não tem, em si mesma, capacidade de pensar, nem de querer."

XVII. Qual a causa preponderante, na produção desse fenómeno: o Espírito, ou o fluido ?

"O Espírito é a causa, o fluido o instrumento, ambos são necessários."

XVIII. Que papel, nesse caso, desempenha a vontade do médium ?

"O de atrair os Espíritos e secundá-los no impulso que dão ao fluido."

a) É sempre indispensável a ação da vontade ?

"Aumenta a força, mas nem sempre é necessária, pois que o movimento pode produzir-se contra essa vontade, ou a seu malgrado, e isso prova haver uma causa independente do médium."

NOTA. Nem sempre o contacto das mãos é necessário para que um objeto se mova. As mais das vezes esse contacto só se faz preciso para dar o primeiro impulso; porém, desde que o objeto está animado, pode obedecer à vontade do Espírito, Sem contacto material.

Depende isto, ou da potencialidade do médium, ou da natureza do Espírito. Nem sempre mesmo é indispensável um primeiro contacto, do que são provas os movimentos e deslocamentos espontâneos, que ninguém cogitou de provocar.

XIX. Por que é que nem toda gente pode produzir o mesmo efeito e não têm todos os médiuns o mesmo poder ?

"Isto depende da organização e da maior ou menor facilidade com que se pode operar a combinação dos fluidos. Influi também a maior ou menor simpatia do médium para com os Espíritos que encontram nele a força fluídica necessária. Dá-se com esta força o que se verifica com a dos magnetizadores, que não é igual em todos. A esse respeito, há mesmo pessoas que são de todo refratárias; outras com as quais a combinação só se opera por um esforço de vontade da parte delas; outras, finalmente, com quem a combinação dos fluidos se efetua tão natural e facilmente, que elas nem dão por isso e servem de instrumento a seu mau grado, como atrás dissemos."

XX. As pessoas qualificadas de elétricas podem ser consideradas médiuns ?

"Essas pessoas tiram de si mesmas o fluido necessário à produção do fenômeno e podem operar sem o concurso de outros Espíritos. Não são, portanto, médiuns, no sentido que se atribui a esta palavra. Mas, também pode dar-se que um Espírito as assista e se aproveite de suas disposições naturais."

NOTA. Sucede com essas pessoas o que ocorre com os sonâmbulos, que podem operar com ou sem o concurso de Espíritos estranhos.

XXI. O Espírito que atua sobre os corpos sólidos, para move-los, se coloca na substância mesma dos corpos, ou fora dela ?

"Dá-se uma e outra coisa. Já dissemos que a matéria não constitui obstáculos para os Espíritos. Em tudo eles penetram. Uma porção do perispírito se identifica, por assim dizer, com o objeto em que penetra."

XXII. Como faz o Espírito para bater ? Serve-se de algum objeto material ?

"Tanto quanto dos braços para levantar a mesa. Sabes perfeitamente que nenhum martelo tem o Espírito à sua disposição. Seu martelo é o fluido que, combinado, ele põe em ação, pela sua vontade, para mover ou bater. Quando move um objeto, a luz vos dá a percepção do movimento; quando bate, o ar vos traz o som."

XXIII. Concebemos que seja assim, quando o Espírito bate num corpo duro; mas como pode fazer que se ouçam ruídos, ou sons articulados na massa instável do ar ?

"Pois que é possível atuar sobre a matéria, tanto pode ele atuar sobre uma mesa, como sobre o ar. Quanto aos sons articulados, pode imitá-los, como o pode fazer com quaisquer outros ruídos."

XXIV. Dizes que o Espírito não se serve de suas mãos para deslocar a mesa. Entretanto, já se tem visto, em certas manifestações visuais, aparecerem mãos a dedilhar um teclado, a percutir as teclas e a tirar dali sons. Neste caso, o movimento das teclas não será devido, como parece, à pressão dos dedos ? E não é também direta e real essa pressão, quando se faz sentir sobre nós, quando as mãos que a exercem deixam marcas na pele ?

"Não podeis compreender a natureza dos Espíritos nem a maneira por que atuam, senão mediante comparações, que de uma e outra coisa apenas vos dão idéia incompleta, e errareis sempre que quiserdes assimilar aos vossos os processos de que eles usam. Estes, necessariamente, hão de corresponder à organização que lhes é própria. Já te não disse eu que o fluido do perispírito penetra a matéria e com ela se identifica, que a anima de uma vida factícia ? Pois bem! Quando o Espírito põe os dedos sobre as teclas, realmente os põe e de fato as movimenta.

Porém, não é por meio da força muscular que exerce a pressão. Ele as anima, como o faz com a mesa, e as teclas, obedecendo-lhe à vontade, se abaixam e tangem as cordas do piano. Em tudo isto uma coisa ainda se dá, que difícil vos será compreender: é que alguns Espíritos tão pouco adiantados se encontram e, em comparação com os Espíritos elevados, tão materiais se conservam, que guardam as ilusões da vida terrena e julgam obrar como quando tinham o corpo de carne. Não percebem a verdadeira causa dos efeitos que produzem, mais do que um camponês compreende a teoria dos sons que articula. Perguntai-lhes como é que tocam piano e vos responderão que batendo com os dedos nas teclas, porque julgam ser assim que o fazem. O efeito se produz instintivamente neles, sem que saibam como, se bem lhes resulte da ação da vontade. O mesmo ocorre, quando se exprimem por palavras.

XXV. Entre os fenômenos que se apontam como probantes da ação de uma potência oculta, alguns há evidentemente contrários a todas as conhecidas leis da Natureza. Nesses casos, não será legítima a dúvida ?

"É que o homem está longe de conhecer todas as leis da Natureza. Se as conhecesse todas, seria Espírito superior. Cada dia que se passa desmente os que, supondo tudo saberem, pretendem impor limites à Natureza, sem que por isso, entretanto, se tornem menos orgulhosos. Desvendando-lhe, incessantemente, novos mistérios, Deus adverte o homem de que deve desconfiar de suas próprias luzes, porquanto dia virá em que a ciência do mais sábio será confundida. Não tendes todos os dias, sob os olhos, exemplos de corpos animados de um movimento que domina a força da gravitação ? Uma pedra, atirada para o ar, não sobrepuja momentaneamente aquela força ? Pobres homens, que vos considerais muito sábios e cuja tola vaidade a todos os momentos está sendo desbancada, ficai sabendo que ainda sois muito pequeninos."